

UFRGS - 2014

Álvaro Zacarias Alves Vilaverde



ARTESTÁGIOS:  
o estágio como espaço de criação

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES

ÁLVARO ZACARIAS ALVES VILAVERDE

ARTESTÁGIOS:  
O ESTÁGIO COMO ESPAÇO DE CRIAÇÃO

PORTO ALEGRE  
2014

ÁLVARO ZACARIAS ALVES VILAVERDE

ARTESTÁGIOS:  
O ESTÁGIO COMO ESPAÇO DE CRIAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento  
de Artes Visuais do Instituto de  
Artes da UFRGS como requisito  
parcial para a conclusão do  
curso de Graduação em  
Licenciatura em Artes Visuais.

---

Orientadora: Prof. Eny Schuch

PORTO ALEGRE  
2014

ÁLVARO ZACARIAS ALVES VILAVERDE

ARTESTÁGIOS:  
O ESTÁGIO COMO ESPAÇO DE CRIAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de  
Artes Visuais do Instituto de Artes da  
UFRGS como requisito parcial para a  
conclusão do curso de Graduação em  
Licenciatura em Artes Visuais.

---

Porto Alegre, 18 Dezembro de 2014

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Eny Schuch

---

Prof. Teresa Poester

---

Prof. Luciana Gruppelli Loponte

*Aos colegas e professores que  
acompanharam as dificuldades do percurso,  
e em especial ao companheiro Bruno.  
Amigos que torcem e vibram com  
as conquistas de cada dia.  
- Que venha o amanhã!*

***Agradeço aos estagiários  
por compartilharem suas expectativas,  
suas conquistas, suas incertezas e seus fracassos,  
mas principalmente pela atenção e pelo cuidado  
que demonstraram dedicar aos seus alunos.***

Este trabalho tem por objetivo pontuar ações e gestos de criação nos estágios em sala de aula por aqueles que finalizam o curso de Licenciatura em Artes Visuais nesta Universidade. Apresentando tanto aspectos de uma pesquisa documental quanto de uma reflexão teórica, coloca na pauta de discussões o estágio da docência em Artes Visuais. O material inicial para esta análise são as notas dos relatos apresentados na ação de extensão *Artestágios*, correspondendo às atividades ocorridas nos anos de 2011, 2012 e 2013. Neste confronto *in loco* entre teoria e prática, o trabalho busca elucidar algumas peculiaridades destes momentos do docente em formação, além de destacar questões que aparecem nos relatos, tais como: Que provocações artísticas levar para o aluno? Quais as ferramentas utilizadas para o ensino de artes? Há um único modelo para o exercício da docência em Artes? Para embasar as reflexões contidas neste trabalho recorro à leitura de pesquisadores que estudam e vivenciam esta temática, *o estágio*, entre os quais Selma Garrido Pimenta, Paola Zordan e Luciana Gruppelli Loponte.

Palavras-chave: Formação Docente. Estágio. Artestágios

	9
Introdução	
	<hr/>
	12
1. Porque cursar Licenciatura em Artes?	
	<hr/>
	15
1.1 A docência além do espaço escolar	
	<hr/>
	18
2. O Estágio em Artes	
	<hr/>
	21
2.1 Notas e memórias da minha escuta	
	<hr/>
	24
Considerações deste momento	
	<hr/>
	26
Referências Bibliográficas	
	<hr/>
Anexos	
	29
1. Artestágios I	
	<hr/>
	35
2. Artestágios II	
	<hr/>
	43
3. Artestágios III	
	<hr/>



Quando me refiro à *criação* no título deste trabalho de conclusão desejo afirmar que o ato de criar é perceber-se numa trajetória de experimentações, estando este ato em permanente transformação, ou seja, inconcluso. Compreendo que o exercício da docência requer este olhar que aceita cada processo como singular e que necessita ser revisto a cada momento. Assim é o percurso do artista imerso no seu processo criativo, processo que pode também inspirar a arte da docência. Sim, a docência, seja em artes ou em qualquer outra área do conhecimento, pode e deve ser vivida e encarada como um trabalho de criação onde constantemente fazemos escolhas, construindo e desconstruindo conceitos e certezas. Partindo desta reflexão, pactuo com a escrita de Cecília Almeida Salles, no livro *Gesto inacabado: processo de criação artística*, onde a pesquisadora em Comunicação e Semiótica nos afirma:

*“O processo de criação, como processo de experimentação no tempo, mostra-se, assim, uma permanente e ampla apreensão de conhecimento, que envolve, entre muitas outras questões, técnica e a compreensão daquilo que se quer das obras que estão sendo construídas.”* (SALLES, 2011, p. 156)

Preparar e aplicar um plano de aula exige criação onde cada aluno nos ensinará que estamos diante de um novo processo e onde cada turma de alunos nos guiará a novos resultados, isto se nos permitirmos e estivermos abertos a novas possibilidades.

Sendo assim, neste confronto *in loco* entre teoria e prática, este trabalho busca elucidar algumas peculiaridades destes momentos em sala de aula do docente em formação, tendo por objetivo dar visibilidade e pontuar ações e gestos de criação percebidos nas atividades propostas nos estágios daqueles que finalizam o curso de Licenciatura em Artes Visuais nesta Universidade.

- Que provocações artísticas levar para o aluno?

- Quais as ferramentas utilizadas para o ensino de Artes?
- Há um único modelo para o exercício da docência em Artes?

Estas são algumas das questões que aparecem nos relatos dos estagiários e que inicialmente conduzem as discussões deste trabalho, buscando de alguma forma contribuir com uma melhor compreensão deste momento de finalização do curso. Para embasar esta reflexão recorro à leitura de alguns pesquisadores que estudam e vivenciam esta temática, o *estágio*, tendo por material para esta análise os relatos das atividades ocorridas nos anos de 2011, 2012 e 2013, apresentados na ação de extensão *Artestágios*.

O que é o *Artestágios*? É uma ação de extensão em que os alunos relatam de forma resumida as atividades e impressões do estágio no curso de Licenciatura em Artes Visuais. Estes relatos que aconteciam dentro da disciplina Estágio II, a partir desta ação ficaram abertos a todo meio universitário. Ocorreram três edições: *Artestágios I/2011*, coordenado pela professora Luciana G. Loponte – *Artestágios II/2012*, coordenado pelo professor Celso Vittelli – *Artestágios III/2013*, coordenado pela professora Paola Zordan.

Acompanhei a grande maioria destas explicações dentro das atividades por mim exercidas como bolsista de iniciação científica<sup>1</sup>, uma ferramenta de aprendizagem que nos permite conhecer os bastidores do universo da pesquisa sobre a formação docente<sup>2</sup> realizada por professores-pesquisadores da UFRGS. Portanto, reúno este material e coloco a escuta do ator, do artista, e do arte-educador (em constante formação), carregando as expectativas e incertezas dos compromissos que estão envolvidos no estágio. Penso que esta atividade prática deva ser encarada como um valioso espaço para novas proposições artísticas, procurando também destacar através deste trabalho o que pode se aprender com o compartilhar destas breves experiências.

Imagino que o planejamento das atividades que levarei para minhas práticas no estágio serão proposições relacionadas ao exercício de observação e o de desenhar. Minha graduação

---

<sup>1</sup> Destaque e Prêmio Jovem Pesquisador no XXIV SIC da UFRGS, na área de Ciências Humanas, com o trabalho “Arte, Vida e Escrita: Arte Contemporânea e formação estética” - 2012

<sup>2</sup> Bolsista de Iniciação Científica nas pesquisas coordenadas pela professora Luciana Gruppelli Loponte: Arte Contemporânea e formação estética para a docência – 2011/2012; Docência como Campo Expandido: Arte Contemporânea e formação estética – 2013, ambas com apoio e financiamento do CNPq.

em Artes Visuais, com ênfase no desenho, foi um período de aprendizado e reencontro com o ato de grafar sobre o papel, percebendo e ampliando tanto a dimensão do suporte como do gesto do desenhista. No meu caso optei por desenhar na tridimensionalidade, em grandes dimensões, através de dobraduras sobre o papel Kraft, denominando-os de '*objeto-dobras*'<sup>3</sup>. Sendo assim, inevitavelmente tive uma escuta atenta aos relatos quanto ao uso do desenho, em quais momentos apareceram e as possibilidades de sua aplicação como ferramenta didática.

Saliento que o meu estágio está previsto a ocorrer no período letivo posterior à construção deste TCC, estando esta discussão distanciada do que viverei em meu estágio, mas alimentada pela escuta dos relatos dos colegas de curso, na busca de um melhor preparo para o cumprimento desta etapa. Considero, portanto, que este trabalho apresenta tanto aspectos de uma pesquisa documental quanto de uma reflexão teórica que coloca na pauta de discussões o estágio da docência em Artes Visuais.

---

<sup>3</sup> Objeto-dobras - objetos para manipulação construídos em papel Kraft, dentro do Trabalho de Conclusão de Curso - *Ação Ausente – 1º Ato* - no Bacharelado em Artes Visuais no Instituto de Artes da UFRGS/2009. (Imagens do uso do objeto em cenografia teatral, em [www.dasflor.com.br](http://www.dasflor.com.br) – acessado em 29/10/2014)

## 1. PORQUE CURSAR LICENCIATURA EM ARTES?

---

*Em outubro, no início das aulas, o pequeno Oscar estréia-se na secção de gramática do 6º ano, cujo professor é M. Blanchard; M. Ochard é professor de Desenho.*

***“Eu era um indisciplinado nato. Nunca conseguiram que eu me submetesse a uma regra, mesmo na primeira infância”,  
contará Monet meio século mais tarde.***

***“O colégio sempre me pareceu uma prisão e eu nunca conseguia resignar-me a viver lá,  
mesmo quatro horas por dia”<sup>4</sup>***

A citação que introduz esta reflexão refere-se ao aluno Oscar Claude Monet, num período letivo entre 1851 e 1852, revelando particularidades de sua relação com a escola, que apesar de retratar um distante século XIX, está também muito próxima das relações que percebemos na atualidade. Focando-me no ensino de artes, me pergunto: Quantas não teriam sido as ‘aulas’ em que Monet, ao ar livre, muito teria aprendido para a sua pintura ao observar a luz, o sol e as cores? Com certeza foi um aprendizado que construiu os pigmentos e a representação do seu modo de ver.

Então para que o aluno não se veja como um prisioneiro dentro do ambiente escolar e se sinta a vontade para expor os potenciais que traz consigo, creio que uma das difíceis tarefas do docente está em reconhecer os anseios e especificidades de cada aluno, atento à adequação das proposições a serem levadas às diferentes faixas etárias envolvidas. Para isto considero importante que se faça um mapeamento de interesses, buscando assim diretrizes para organizar um bom projeto de ensino, e conseqüentemente uma boa aula de artes.

Esta seria a busca que me leva a cursar Licenciatura em Artes? Ao tentar responder esta questão rememoro o meu percurso dentro da universidade, e percebo que esta foi a minha busca por preencher algumas lacunas percebidas dentro do Bacharelado, que não contemplavam os meus interesses, aproximando-me das discussões que envolvem arte e

---

<sup>4</sup> Relato sobre a infância de Monet, pintor francês cuja obra, através de inúmeras paisagens, mostra toda sua relação com os espaços ao ar livre e seu criterioso senso de observação. Sirvo-me deste ‘aluno Monet’ para refletir sobre a importância do reconhecimento destes corpos inquietos que habitam a sala de aula e que ao propor atividades deslocadas deste ambiente, além das quatro paredes, o docente poderá surpreender-se e descobrir proveitosas aulas de Arte. (O negrito é uma ênfase minha no texto, para destacar suas falas)

educação, reconhecendo importantes autores, artistas e pesquisadores da área.

Destes importantes autores, Ana Mae Barbosa é com certeza uma inquestionável referência ao tratar-se do estudo e do histórico da Arte-Educação no Brasil, além de ser responsável por publicações que nos colocam dentro das discussões e reflexões advindas do contexto global, como nas palavras de Donald Soucy:

*“Logicamente, os arte-educadores no Brasil estão atentos a essa relação entre arte e classe social. Parece que se o Estado quer promover a cultura popular ele deverá incentivar a arte deste povo. Os tipos de arte que o Estado patrocina refletirão a sua posição em questão de gênero, cultura e classe social. De forma semelhante, os tipos de arte que nós, como professores, apoiamos, irão refletir nossas próprias posições. Isto porque toda expressão artística tem conteúdo explícito e implícito. Assim, nossas questões como professores de arte são: que conteúdo de arte deveríamos ensinar, quais histórias deveríamos revelar e quais interesses culturais e sociais deveríamos promover?”*<sup>5</sup> (BARBOSA, 2010, p. 48)

É justamente nesta relação entre arte e conteúdo que se concentra uma das dificuldades do estagiário, futuro docente, ao elaborar o projeto a ser levado para a sala de aula, o que pode tanto ampliar a compreensão do que reconhecemos por arte, quanto afastar o aluno de vivenciar as experiências estéticas que a arte oferece.

Considero então, cursar a Licenciatura, como uma busca natural do desenvolvimento artístico, uma busca que ao se deparar com diferentes realidades sobre o ensino de artes no Brasil, traz à tona outra interrogação: Quem é que atualmente cumpre este papel de educador em artes em nosso meio escolar? Alguns dados recentes nos revelam que no país, no

---

<sup>5</sup> “Esta antologia de textos organizada por Ana Mae Barbosa revela bem o seu traço, a sua força empreendedora e a sua capacidade de entender as diferenças e as similitudes no mundo da arte educação. A seleção é criteriosa e abrangente. As origens dos autores são diversas, gente oriunda dos vários continentes que enriquece o livro com teorias, conceitos e relatos de experiências em arte/educação bem variados. A história da arte e processos do seu ensino, tema da parte primeira do livro é re-visto a partir dos ângulos da história da arte, da crítica, da sociologia, da linguística e da semiótica com autores como Edward Lucie-Smith, Donald Soucy, Annie Smith tratando o difícil conceito de história da arte, e Jacqueline Chanda, a última autora com um excelente ensaio sobre maneiras de ler e interpretar obras de arte, apelando para narrativas plurais.” (Resenha do livro por Teresa Eça)

Ensino Fundamental, 92,3% dos professores de Artes não possuem o curso de Licenciatura na área, segundo mostra um levantamento da ONG *Todos pela Educação* para o Observatório do Plano Nacional da Educação (PNE), com base em dados do Censo Escolar de 2013<sup>6</sup>:

*No Nordeste do país o número de professores sem licenciatura para lecionar as disciplinas em que dão aula nos anos finais do Ensino Fundamental chega a 82,4%; no norte é de 81,9%, no Centro-Oeste, 64,3%; no Sul, 49%; e no Sudeste, 47,1%.<sup>7</sup>*

Apesar da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) definir que todo o professor deve ser formado em Pedagogia ou em uma Licenciatura para poder dar aula, reconhece-se que a meta de 100% dos professores com o Ensino Superior está bastante longe de ser atingida, situação que me leva à curiosidade de saber se o licenciando, após concluir o curso em nossa universidade, estaria atuando na sala de aula. Não estando disposto a atuar em sala de aula, onde este estaria? Bem, sem a preocupação em obter respostas imediatas para tal questão, por não ser este o foco do trabalho, aponto a minha percepção de outros caminhos para a docência em artes.

---

<sup>6</sup> <http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/03/dados-do-censo-escolar-2013-estao-disponiveis-para-consulta>

<sup>7</sup> Formação docente precisa melhorar. CORREIO DO POVO, publicado em 26 de abril de 2014, p. 11.

## 1.1 A DOCÊNCIA ALÉM DO ESPAÇO ESCOLAR

---

Então, por estar cursando Licenciatura em Artes Visuais, quando me perguntam se o meu desejo é ser professor de artes sempre respondo que a minha intenção primeira esta relacionada à minha crença de que a arte educa, e assim sendo, antes de desejar ser professor, desejo sim é melhorar, alimentar e enriquecer o meu fazer artístico. É como nos diz Pérrise:

*“O artista nos educa sem se preocupar com resultados pedagógicos ou técnicas didáticas. (...) Os professores todos, independentemente da disciplina que se preparam para ministrar, ganhariam (e com eles, seus alunos) com uma auto-educação que desse especial atenção à dimensão estética da cultura e da vida.” (PÉRRISE, 2009, p. 39)*

E qual é a tua resposta? - pergunta-me a orientadora. Pois, difícil afirmar o que se quer ser, diante daquilo que já percebemos nos constituir, e que os fios brancos de cabelo apenas confirmam. Respondo que sim, desejo exercer a docência, mas preferindo denominar ‘aula’ de ‘convívio de criação’. Pensar assim talvez evite que eu coloque amarras que contrariem o que considero essencial na arte: a liberdade de expressão – indigesta e contraditória em muitos ambientes escolares. Se minha resposta pode parecer satisfatória ao artista, ao indivíduo não há porque negar que também exista a preocupação com o subsídio e a sobrevivência deste que poderá recorrer às garantias financeiras que o exercício da docência por ventura trará.

Mas ao mesmo tempo percebo que o meu ‘ser docente’ já vem atuando de formas e em espaços diferentes daqueles em que estamos acostumados a associar o ‘ser professor’, ou seja, as instituições escolares. Digo isto porque tenho em meu currículo diversos projetos educativos relacionados a questões importantes do nosso cotidiano, por exemplo:

- Educação no trânsito: Fundação Thiago Gonzaga, no projeto *Vida Urgente*; Universidade de Passo Fundo, no projeto *Tô sem Freio*; Detran/RS, na montagem *‘O homem que viu o pardal e não viu a vaca’*.
- Sócio-educativos: *Projeto Das Flor*, através de um coletivo de artistas que atua junto a pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade social; *Das Flor: Um Diálogo Antropofágico com a Lomba do Pinheiro*, um coletivo de artistas, com diferentes

linguagens – música, cinema, artes visuais, teatro, dança – se inserem em um bairro nos limites da cidade, resgatando a identidade e a memória local.

- Saúde: pensar a saúde e a superação através da arte, em ambientes de tratamento médico, através da montagem “SôFrida”, sobre a obra e vida de Frida Kahlo.

Recentemente, a partir de algumas pesquisas e buscas, deparei-me com outras terminologias a respeito do ser docente, que vão além do arte-educador, nas quais percebi também uma proximidade com as minhas ações: Educador Social<sup>8</sup> e Educador de Rua<sup>9</sup>. Identifiquei-me com a postura deste educador que percebe a necessidade de atuação nestes outros espaços, não escolares, e que busca ali exercer e compartilhar os seus conhecimentos.

De outra forma, através de muitas experiências e ações educativas atravessadas por diferentes linguagens, como cinema, teatro, dança, música, tecnologia e sustentabilidade, das quais alguns colegas também nos relatam, tenho percebido uma grande gama de vias de atuação tanto para o artista quanto para o docente em Artes. Muitos destes projetos, de cunho social, são subsidiados por verbas oferecidas através de editais, possibilitando o exercício de uma docência que transita livremente pelos espaços informais, sem deixar de dialogar com os espaços formais, ou seja, as escolas.

Muitas frentes de ação têm construído parcerias com as escolas, via projetos federais, como por exemplo, o ‘Mais Cultura nas Escolas’, estando este em início de implantação e que apesar de ainda não oferecer resultados práticos para analisar sua eficiência, nos faz vislumbrar possibilidades outras para um maior estreitamento da relação entre a arte e a educação, sem desconsiderar os estranhamentos que - principalmente na arte contemporânea - desafiam a percepção e a elaboração dos saberes a serem compartilhados.

Estar cursando Licenciatura em Artes Visuais talvez seja a minha maneira de buscar a legitimação tanto para estes

---

<sup>8</sup> Educador Social: Desenvolver atividades destinadas à população de **crianças e adolescentes** em situação de risco social; Atribuições focadas na **mediação de conflitos**, orientação e auxílio na convivência, dos adolescentes; Acompanhamento de vida prática e diária; Além do acompanhamento e planejamento e execução da proposta socioeducativa no que se refere à área de assistência social, comprometido com as orientações institucionais e a garantia de direitos sociais. Fonte: (<http://www.manager.com.br>)

<sup>9</sup> Educador de Rua: O poder da educação de rua - Projetos de educação e cultura para **crianças e adolescentes** em situação de rua conseguem **apontar caminhos** de volta para a casa, à escola e a cidadania. Mas, diante da falta de políticas públicas, ainda são exceção. Isilda Magalhães Costa, em 04/04/2013. (<http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/36/o-poder-da-educacao-de-rua>)



outros espaços de atuação, quanto ao indivíduo artista que acredita na arte aliada ao compromisso social.

Para melhor entender e expor o que significa o estágio recorro a Selma Garrido Pimenta<sup>10</sup>, que através de um relato aponta o início de sua pesquisa:

*“Em uma dessas ocasiões me deparei em Limoeiro do Norte – Ceará, com a professora Maria Socorro Lucena Lima de Souza (1990), cujo questionamento me provocou e desafiou para estudar mais a fundo a questão. Perguntava-se (e me) a professora: “O que é estágio? Um rito de iniciação profissional? Uma estratégia de profissionalização? Conhecimento da realidade? Momento de colocar na prática a teoria recebida? Um treinamento?”(PIMENTA, 2005, p. 14)*

A pesquisadora inicia sua reflexão, colocando-nos a par do histórico da formação do professor, situando a preocupação com a prática sempre presente, identificando “as mazelas e dificuldades” do estágio e como avançar neste estudo. Apresenta as raízes da regulamentação do ensino Normal, na década de 1940, e a formação de professores primários, valendo-se de curiosas questões: *O que era a profissão de professor primário? Quem eram os professores primários?* Logo esclarece:

*“Tratava-se na verdade de uma ocupação e não propriamente uma profissão, exercida por mulheres (embora não proibidas aos homens), oriundas dos segmentos economicamente favorecidos da sociedade e cuja característica marcante era ser uma extensão do lar, do papel de mãe e coerente com o de esposa. Era uma missão digna para as mulheres.” (PIMENTA, 2005, p. 29)*

Aos poucos a autora nos desvela onde se enraízam alguns conceitos sobre a profissão do professor e como se constituiu o desmerecimento, e até o colocar da atividade docente em um nível inferior ao de outros profissionais. Somemos então a este ofício ‘Arte’: Docência em Artes. Sei que esta é uma escolha

---

<sup>10</sup> Pedagoga com doutorado na área de Filosofia da Educação é livre-docente em Didática, e docente e pesquisadora no Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

complicada, porém também reconheço o prazer e a satisfação daqueles que fazem esta escolha. Por vezes é uma escolha. Em outras, somos escolhidos.

Pois, independentemente se escolheu ou foi escolhido, é deste que falo: o Estagiário Docente em Artes Visuais. Este é o personagem principal deste trabalho de conclusão, e é nele que coloquei a minha escuta sobre as suas impressões, os descontroles, as certezas e as surpresas da sala de aula. A professora Paola Zordan, orientadora de estágios nesta universidade, ao compartilhar sua longa vivência com os estagiários, vindo ao encontro do que me refiro, complementa:

*“(...) o quanto é difícil a escolha de uma carreira docente, especialmente no âmbito escolar, para um artista. (...) E ao se declarar professora de Artes, recebe sorrisos estranhos, quando não explícitas manifestações, da parte da direção ou de outros agentes escolares, que a arte não tem muita serventia ali.” (ZORDAN, 2011, p. 67)*

Existem muitas dificuldades que surgem a partir da escolha pela docência em Artes, mas acredito que para uma boa parte dos alunos é uma escolha natural, em muitos casos com uma relação direta com o seu fazer artístico. Se aqui aponte uma dificuldade compartilhada pela professora Paola Zordan na publicação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da CAPES, dela trago também a informação que acredito ser das mais importantes e primordiais, para guiar qualquer docente em artes:

*“Antes de usar uma imagem em sala de aula ou selecionar algum artista para compor um projeto, analise a pertinência desse referencial com o tema em questão. Onde ele se aproxima, no que pode contribuir, que tipo de atividades aquele trabalho apreciado pode propulsionar. (...) um projeto interessante também pode ser desenvolvido sem imagens impressas ou exemplos da História da Arte. O que importa é aguçar o olhar e os outros sentidos, o que pode ser feito não apenas em reprodução de obras de arte, mas também em exercícios que envolvam o espaço físico da escola, o entorno, o próprio material dos alunos. Tudo isso também é imagem.” (ZORDAN, 2011, p. 61)*

A partir disto percebo que talvez este seja o maior desafio que se coloca diante do estagiário na elaboração do plano de atividades que irá propor para os alunos. É importante que se tenha a humildade e a sabedoria de constantemente rever e reavaliar a adequação do que esta se propondo em relação ao objetivo que, em curtíssimo período de tempo, será possível de ser alcançado.

Aproveitando para discorrer sobre o 'curtíssimo período de tempo' a qual me referi eis um fator que é unanimemente apontado pelos estagiários como um complicador na execução dos projetos planejados. Abraçar um tema e propor atividades práticas por vezes se torna um emaranhado de rápidas tentativas, entre acertos e erros, ficando aquém dos resultados inicialmente almejados.

Nos relatos aparecem ambientes diferentes em contextos diversos, além de peculiaridades nas relações estabelecidas. Muitas frustrações, mas acima de tudo muitas conquistas, pois é um momento de grande autoconhecimento diante desta relação entre deixar de ser 'o aluno' e tornar-se 'o professor'. Apesar de acreditar que somos eternos alunos quando dispostos a um próximo aprender, o que esta em discussão aqui é que a situação nos exige uma nova postura. Estão envolvidas questões de relações humanas, de convívio cotidiano, além da condução de uma atividade dentro de um coletivo escolar. É claro que desejamos que nossas proposições sejam aceitas e as atividades concluídas, porém as dificuldades e as expectativas ultrapassam estas intenções iniciais, fazendo parte do pacote os eventuais conflitos entre a direção da escola e o corpo docente que ali atua.

Muitas observações colocadas pelos colegas servem de alerta a qualquer frustração que o período de estágio possa vir a trazer, pois não temos a capacidade de prever a total viabilidade do que planejamos, podendo em determinada situação tanto o equipamento solicitado não estar disponível, ou a sala de artes (quando há) ocupada para outra atividade, ou mesmo um cancelamento da aula. Encurtar o tempo, ou mesmo cancelar uma aula de artes, dentro da grade do currículo escolar, é uma assumida opção que muitas vezes é justificada como uma solução para não trazer maiores prejuízos ao aluno.

E o professor de Artes, como fica? Bem, este se adapta. E diante disto, nada mais natural que seja salutar pensarmos em múltiplas estratégias. Mais do que um plano B, ter em mente um plano C, um plano D, um plano E, um plano F e etc. Ou seja, ter tantos planos quanto o alfabeto, e nossa capacidade criativa, nos permitir.

## 2.1 NOTAS E MEMÓRIAS DA MINHA ESCUTA

---

Reverendo as minhas notas e observações dos estágios explanados no *Artestágios*, inicialmente constato não serem tantas anotações quanto gostaria que fossem. Essas notas e observações, mais detalhadas, se concentram mais na terceira edição, quando já vislumbrava estar diante de um tema ou de um potente material para o Trabalho de Conclusão do Curso. Mas, aos poucos, após vasculhar outros cadernos de notas e escritas, encontrando a lista dos trabalhos e identificando seus respectivos autores, acendeu-se a memória de alguns aprendizados ali compartilhados entre colegas e orientadores.

Aponto então alguns temas apresentados na primeira edição que atravessaram as discussões nas aulas de arte, num conjunto de 16 trabalhos (UFRGS): os territórios sociais, as cartografias do cotidiano, os espaços urbanos, a identidade e as diferenças, e a aproximação do meio escolar com a arte contemporânea. Apenas um trabalho foi desenvolvido a partir do desenho de observação. Ficou evidenciado que os estagiários que tinham por hábito freqüentar exposições e museus ofereciam aos seus alunos uma maior gama de experiências estéticas. Havia também um grande interesse dos alunos em valorizar e discutir as experiências ocorridas nos espaços não formais, como mediação em museus e em outros espaços expositivos, diante da exigência do MEC de que o estágio só ocorra em espaços formais de ensino.

Na segunda edição, num total de 25 trabalhos (UFRGS e UERGS), o tema identidade aparece em diferentes atividades: no autorretrato, na animação com *stop motion*, na pichação, na publicidade, nas redes sociais, na relação entre o figurativo e o não figurativo, no patrimônio histórico, na fotografia, na tridimensionalidade, no corpo humano e na performance. Aqui pude perceber a atividade do desenho mais presente nas atividades em sala de aula, em comparação com a edição anterior, assim como um maior uso da fotografia, aparecendo como ferramenta didática em quase cinquenta por cento dos trabalhos apresentados.

Já na terceira edição, num total de 42 trabalhos (UFRGS, UERGS e UCS), o ensino de artes contempla os seguintes suportes: o livro de artista, a fotografia, a animação, a música, a intervenção urbana com fios, com o grafite e a pintura, aliando temas que abarcam discussões sobre consumo, identidade e memória.

Num diálogo com a literatura, uma aluna exhibe na sua apresentação o 'Cavalo de Tróia' construído junto com os alunos, em papel e madeira, servindo de base para colagens e

escritos. Em outra atividade lúdica uma estagiária usa como estratégia a 'Mala dos Possíveis', propondo também exercícios de escrita. Percebo o desenho presente no uso da técnica do *stencil*, na animação e também no autorretrato, aparecendo aqui mais trabalhos que propõem atividades fora da sala de aula.

Dentro do conjunto total de relatos por mim revistos e analisados destaco três pontos que convergem de diferentes contextos: o desenho, as imagens e a avaliação.

A presença e a importância do desenho, e da prática do desenhar, como ferramenta e proposição levada pelo estagiário para a sala de aula, aparecem constantemente junto a constatação da inabilidade de alguns alunos com materiais e suportes diferentes, sendo este saber básico, como usar o lápis, a tesoura, o papel, volumes e perspectivas, entre outras possibilidades técnicas e pictóricas, um cuidado e uma necessidade que deva constar em qualquer planejamento de uma aula de artes. Por vezes as atividades amparadas pelo desenho esbarram na falta de envolvimento, no choque de interesses, mas também podem surpreender através de algumas poucas ações interdisciplinares relatadas.

Não se deve subestimar esta prática, o desenhar, pois ela torna-se elementar para qualquer outro procedimento ou técnica que possa ser compartilhada em sala de aula. O croqui, o rabisco, a anotação, o estudo, a construção e a elaboração que partem de uma ideia na maioria das vezes tomam forma a partir de um desenho. Seja na folha branca, seja na tela digital, esta atividade poderá estar presente em futuros planejamentos, nos muitos gestos que se ramificam no universo do desenhista.

Acredito na potência desta ferramenta, e ao valorizar então esta prática, o desenhar, considero importante não tropeçar em equívocos como o de comparar contextos históricos diferentes, elencando o 'melhor desenho', caso presente num dos relatos observados cujo material e tema era o Renascimento Italiano, para alunos do 7º ano do ensino fundamental. Pressupondo-se então existir o 'melhor desenho', existirá o pior. Assim sendo, o educador em Artes correrá o risco de destruir qualquer intencionalidade artística que o aluno deseje compartilhar.

Quanto às imagens e artistas, se inicialmente nos perguntarmos quais levar para a sala de aula, de imediato devemos levar em consideração outras questões: Qual a qualidade destas imagens que irei levar para o aluno? O artista e a obra estão adequados ao tema proposto? Ocorre que, em muitas situações, o estagiário cerca-se de poucas informações a respeito da imagem que apresenta ao aluno, tornando-se esta

apenas mais uma para o balaio de imagens não compreendidas, descontextualizadas e pouco exploradas. Levar imagens com boa definição para a sala de aula, impressas ou em suporte digital, requer por vezes alguns custos de investimento bem como a dedicação de um tempo para buscas e formatação destes arquivos. Em muitos relatos percebi que a construção de um bom material didático de apoio, através de soluções criativas, enriquece o planejamento e a apropriação do futuro docente como interlocutor do artista que escolheu mediar. Importante lembrar que o acervo de imagens que for criado estará sempre disponível para futuros planejamentos.

O terceiro ponto refere-se aos critérios de avaliação, que quase ecoam em acordes uníssonos: - O que deve ser avaliado em Artes? Logo surge uma vasta relação: a participação, o interesse, o cumprimento das tarefas, a disciplina, o cuidado com o material, a colaboração com os colegas, a expressividade, o desânimo, a inquietação, entre outros itens que estarão na órbita destes. Creio não existir uma única resposta para tal questão, cabendo a cada contexto um novo critério. Tenho consciência de que esta questão, a avaliação, mereça uma maior investigação e aprofundamento, porém esclareço ser este tema um foco de pesquisa que ficará para outro momento.

E como último relato trago das memórias o depoimento de uma estagiária que visando preservar a sua integridade física e pessoal, compartilha como sua principal estratégia a criação do *personagem-professor*. Ou seja, por estar diante das responsabilidades e expectativas que compreendem o ofício da docência e talvez por se julgar ainda despreparada para tamanho compromisso, ao sair da sala de aula a regra era despir-se desse personagem para retomar as outras atividades do dia, sendo esta a maneira que encontrou para suportar o peso desta carga, evitando assim alimentar e remoer as angústias e frustrações inerentes a este papel.

Talvez seja este o maior ônus da experiência docente, porém a docência está longe de ser só angústia e frustração. É busca e conquista, na cumplicidade que se compartilha através de ações diárias, no pulsar da vida e no prazer que brilha e trasborda do olhar.

Ao buscar dar visibilidade a diferentes posturas que emergem nas entrelinhas da formação do docente em Artes, acredito que será melhor o docente que se impregnar do ato criador e investigador do artista, arriscando-se às descobertas e desvios dentro dos percursos do ensino e da aprendizagem. Esta postura exigirá estarmos atentos aos processos e ao que considerarmos importante para uma futura auto avaliação, pois nem sempre os resultados formais e materiais serão os dados mais representativos.

Digo isto pelo ponto de vista de quem tem acompanhado os relatos dos estágios ocorridos nos últimos três anos, dentro da ação de extensão “Artestágios”. Nesta ação, ligada a uma atividade de ensino desta Universidade, além de outras instituições convidadas – UERGS, UCS, IFSul - os licenciandos em Artes Visuais compartilharam as experiências construídas, e desconstruídas, em sala de aula.

Percebe-se, num comparativo das três edições, uma crescente qualidade na forma e na clareza da apresentação dos alunos. Os moldes acadêmicos exigem objetividade dentro de um tempo limitado, e por vezes os referenciais artísticos, amplos e difusos, nos confundem em resumidas explicações. Os aprendizados são inúmeros, através dos acertos e principalmente das estratégias apontadas como erros, ou falhas de percurso. Estas acontecem e a melhor alternativa é encará-las de frente, cientes de que cada novo desafio será a porta para uma nova criação.

Vale destacar que existe uma trama de potencialidades em cada aluno, onde algumas nos são facilmente reveladas e outras precisam ser descobertas, e assim sendo cada qual irá requerer do educador uma determinada atenção, aliada de uma sensível escuta. E sobre este detalhe, das minhas anotações, o que guardo como uma importante lição: *O estágio é um espaço de descobertas e estas somente acontecerão na medida em que exista flexibilidade naquele que se coloca como propositor em uma sala de aula. Em muitas situações o tema a ser discutido, com chances de constituir-se em um bom projeto de ensino em artes, poderá estar ali, bem diante de nossos olhos e de nossa escuta.*

Pois então, referindo-me ao menino Monet ao qual recorri para introduzir este texto, nos imaginemos agora professor daquele indisciplinado aluno e façamos a seguinte pergunta: As paisagens que são oferecidas ao nosso olhar não



seriam por vezes diferentes daquelas que supomos estar vendo? Talvez assim as fossem para o inquieto Monet, cujo talento e persistência construíram a obra do reconhecido pintor que na sua infância, para não sentir-se aprisionado em sala de aula, refugiava-se na rua, entre as luzes, cores e movimentos que compõem as suas pinturas, e que nos chegam através de seus impulsivos e precisos gestos.

A sala de aula é uma nova paisagem que se revela para o estagiário, numa trajetória em que se fará presente o constante desafio de ver e reconhecer os interesses daqueles que ali estão. Bom lembrarmos: estão ali para uma aula de artes! Independente das atividades que se venha a desenvolver, um bom começo será sempre entender de que arte estará se falando, e quais os significados que a arte produz para aquele meio.

Portanto, poderão faltar muitas coisas em uma escola para que uma aula de artes aconteça: espaço, segurança, materiais, equipamentos informatizados e o que mais você lembrar. No entanto não poderá faltar o entusiasmo e o prazer deste professor, além da paixão pelo assunto que levará aos seus alunos. Assim ele terá a capacidade de transformar a sala de aula em um espaço de criação, um constante desafio para o docente em Artes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

ALVES, Rubem. *Educação dos sentidos e mais...* Campinas, SP: Versus Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. *A alegria de ensinar*. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. *A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CORREIO DO POVO. *Formação docente precisa melhorar*. Publicado em 26 de abril de 2014, pg. 11.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. *Estágio e docência: diferentes concepções*. Revista Poésis -Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

LOPONTE, Luciana Gruppelli; ZORDAN, Paola. *ARTESTÁGIOS: Pesquisa, Práticas e Experiências em Estágios de Artes Visuais*. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – Junqueiro & Marin Editores, Livro 2, 2012.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. *Docência artista: arte, estética de si e subjetividades femininas*. Tese de Doutorado. Porto alegre: UFRGS/2005.

PERRISÉ, Gabriel. *Estética & Educação* (Coleção Temas & Educação). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido. *O estágio na formação de professores: Unidade Teoria e Prática?* São Paulo: Cortez, 2005.

SALLES, Cecilia Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Intermeios, 2011.

SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. *Escritos sobre Educação / Friedrich Nietzsche*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2003.

WILDENSTEIN, Daniel. *Monet ou o Triunfo do Impressionismo*. Lisboa: TASCHEN, 2010.

ZORDAN, Paola (org.) *Iniciação à Docência em Artes Visuais – Guia e experiências*. São Leopoldo: Oikos, 2011.

---

\*Capa: as imagens utilizadas para compor a capa deste TCC foram obtidas no banco de imagens do Google, através de buscas com os descritores 'aula de artes' e 'estágio em artes'.

# **ANEXOS**

# ARTESTÁGIOS

Fórum de Projetos de Ensino em Artes Visuais

Apresentação dos Projetos de Ensino dos alunos estagiários  
de Licenciatura em Artes Visuais do IA

Palestra de Donald Hugh Barros Jr (Goy)

Dias 28, 29 e 30 de novembro, a partir das 18h

Local: Pinacoteca Barão de Santo Angelo  
Instituto de Artes da UFRGS  
Rua Senhor dos Passos , 248  
Centro.

Organização: Faculdade de Educação e Instituto de Artes da UFRGS

A primeira edição da ação ARTESTÁGIOS teve a coordenação da Prof. Luciana Gruppelli Loponte, e a arte para o material de divulgação desta foi realizada pela então aluna Silvia do Amaral Froemmig. Neste semestre iniciavam as minhas atividades como bolsista de iniciação de científica – BIC/UFRGS. O evento, que teve como convidado palestrante o professor Donald Hugh Barros (IFSul) ocorreu na Pinacoteca Barão de Santo Angelo, no Instituto de Artes da UFRGS, num espaço que usualmente abriga seminários e exposições, mais utilizados para expor trabalhos de alunos do bacharelado, mestrado e doutorados em Artes Visuais. Teve um significado muito importante estar naquele espaço e ali ter voz e visibilidade também o percurso do aluno do curso de Licenciaturas em Artes Visuais, apontando uma aproximação das discussões que envolvam a arte e a educação, superando divergências entre departamentos e preconceitos velados daqueles que consideram menos artista aquele que opta por intitular-se também de ‘arte-educador’.

Título: <b>Da moda para arte, da arte para moda</b>	Escola:
Autor: <b>Selimar Irma Paes – UFRGS</b>	Séries: 6º e 8º ano
<p>Anotações: Como estratégia utilizou o que denominou de <i>caixa-de-surpresas</i> (contendo objetos, aviamentos, retalhos,...) desenvolvendo o estágio com uma proposição que une moda e arte através de uma atividade de customização de camisetas. Relata as satisfações e as insatisfações do estágio, entre as quais o pouco tempo de desenvolver a atividade inicialmente elaborada. Num acordo com a direção da escola consegue reunir dois períodos da carga horária em um encontro semanal, prolongando o tempo para as atividades. Gostou do resultados. Alguns alunos não produziram. Construiu um material didático de ótima qualidade visual, simples e de custo acessível.</p>	

Título: <b>Arte de rua, modos de consumo e publicidade</b>	Escola:
Autor: <b>Gustavo Souza - UFRGS</b>	Faixa Etária:
<p>TCC - Arte, educação e publicidade : o potencial crítico das práticas artísticas na construção de imaginários - Orientação: Bianca Knaak</p>	
<p>Anotações:</p>	

Título: <b>Territórios: uma relação entre ensino formal e não-formal</b>	Escola:
Autor: <b>Ana Paula Meura – UFRGS</b>	Faixa Etária:
<p>TCC - Relação entre o ensino formal e o ensino não formal : reflexões sobre o Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos Orientação: Umbelina Mª Duarte Barreto</p>	
<p>Especialização em pedagogia da arte- TCC Formação continuada do professor de arte: o que permanece na escola? Orientação: Luciana Gruppelli Loponte</p>	

Título: <b>Escola, micropolítica e mediação</b>	Escola:
Autor: <b>Rafael Silveira – UFRGS</b>	Faixa Etária:
TCC- Entre a arte e a educação : restituindo potências de criação	
Orientador: Monica Zielinsky	
Anotações:	

Título: <b>Intervenções artísticas na cidade</b>	Escola:
Autor: <b>Marina Knapp – UFRGS</b>	Faixa Etária:
TCC - Intervenções artísticas no espaço da cidade : provocações e possibilidades educativas	
Orientador: Andrea Hofstaetter	
Anotações:	

Título: <b>Arte propositiva e provocações educacionais</b>	Escola:
Autor: <b>Camila Göttems - UFRGS</b>	Faixa Etária:
TCC - Obras de arte propositivas e sensoriais: instigando a fruição e a experiência artístico-estética em situações de ensino-aprendizagem	
Orientador: Andrea Hofstaetter	
Anotações:	

Título: Imagens compartilhadas	Escola:
Autor: Ana Luiza Boeck – UFRGS?	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: Percebendo o mundo através do olhar	Escola:
Autor: Andrea Craveiro Jahn – UFRGS	Faixa Etária:
TCC - Sobre o ensino-aprendizagem da arte e o desenho de observação	
Orientador: Umbelina Maria Duarte Barreto	
Anotações:	

Título: Territórios e cartografias	Escola:
Autor: Caroline Weiberg – UFRGS?	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: Livros de artista na escola Uma experiência com arte e identidade no Ensino Fundamental	Escola:
Autor: Clarissa de Moraes Blockage – UFRGS	Faixa Etária:
TCC - Arte e identidade: uma experiência pedagógica no Ensino Fundamental	
Orientador: Maria Cristina Villanova Biazus	
Anotações:	



<p>Título:</p> <p><b>Gravuras de um Brasil mitológico</b></p> <p>Autor:</p> <p><b>Glenda Barbosa Soares - UFRGS</b></p>	<p>Escola:</p>   <p>Faixa Etária:</p>
<p>Anotações:</p>	

<p>Título:</p> <p><b>Livro de artista: para discutir sobre arte no ensino fundamental</b></p> <p>Autor:</p> <p><b>Karine Storck – UFRGS</b></p>	<p>Escola:</p>   <p>Faixa Etária:</p>
<p>TCC - Arte e escola: Relações do público escolar com a arte contemporânea e possíveis estratégias de aproximação</p> <p>Orientador: Paula Viviane Ramos</p>	
<p>Anotações:</p>	

<p>Título:</p> <p><b>Representação do corpo e deformação no Ensino Médio</b></p> <p>Autor:</p> <p><b>Lisiane Beis Fraga – UFRGS</b></p>	<p>Escola:</p>   <p>Faixa Etária:</p>
<p>TCC - O ensino da arte e a representação do corpo humano na sala de aula: trabalhando o conceito de deformação no ensino fundamental</p> <p>Orientador: Umbelina Maria Duarte Barreto</p>	
<p>Anotações:</p>	

<p>Título:</p> <p><b>(In)definições de territórios</b></p> <p>Autor:</p> <p><b>Natália Rizzi Figueiró – UFRGS</b></p>	<p>Escola:</p>  <p>Faixa Etária:</p>
<p>TCC - A ação educativa e suas relações com o ensino de arte: relato de uma experiência</p> <p>Orientador: Ana Maria Albani de Carvalho</p>	
<p>Anotações:</p>	

<p>Título:</p> <p><b>O mapa como possibilidade na criação de arte</b></p> <p>Autor:</p> <p><b>Renato Rodrigues Sartori – UFRGS?</b></p>	<p>Escola:</p>  <p>Faixa Etária:</p>
<p>Anotações:</p>	

<p>Título:</p> <p><b>Identidade no desenho</b></p> <p>Autor:</p> <p><b>Sílvia do Amaral Froemmig – UFRGS</b></p>	<p>Escola:</p>  <p>Faixa Etária:</p>
<p>TCC - A lei 11.645/08: abordando a diversidade nas aulas de arte</p> <p>Orientador: Andrea Hofstaetter</p>	
<p>Anotações:</p>	

# ARTESTÁGIOS

II Fórum de Projetos de Ensino em Artes Visuais

**Apresentação dos estágios docentes  
das Licenciaturas em Artes Visuais UFRGS/UERGS**

Dias 17, 18 e 19 de dezembro, 14h

Sala João Fahrion  
2º andar da Reitoria UFRGS  
Av. Paulo da Gama, 110  
Campus Centro



*Palestra de Susana Rangel  
Vieira da Cunha, 17/12- 19h*

Organização: Celso Vitelli,  
Luciana Loponte e Paola Zordan

A segunda edição da ação ARTESTÁGIOS teve a coordenação do Prof. Celso Vitelli, e a arte para o material de divulgação desta foi realizada pela então aluna Taila Suian Idzi, aproveitando trabalhos realizados pelos alunos dentro do seu estágio. A professora Suzana Rangel Vieira da Cunha foi a palestrante convidada e, diferentemente da primeira edição, aconteceu no Prédio da Reitoria, no salão principal em frente à Sala João Fahrion, pois esbarrou em indisponibilidade de agenda na Pinacoteca. Isto expôs o incerto nomadismo de uma ação que busca seu território. Não foi a única dificuldade, pois a necessidade nos levou a um espaço em que, por ser muito amplo e com muita luminosidade, era inadequado a atividade, e ainda exigia que a cada dia fossem organizadas a montagem e desmontagem da estrutura das apresentações, como tela de projeção, microfones e cadeiras para o público. Havia muitas dificuldades, mas nem por isto deixou de ocorrer, pois o material humano estava ali, desejando compartilhar as diferentes experiências dos licenciados em artes visuais.

Título: <b>Para além do jardim</b>	Escola:
Autor: <b>Salete Mello - UFRGS?</b>	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: <b>O alfabeto da imagem</b>	Escola:
Autor: <b>Clarisse Irala - UFRGS?</b>	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: <b>Introdução à animação com stop motion</b>	Escola:
Autor: <b>Adriana Klausen – UFRGS</b>	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: <b>Autorretrato e releituras em sombras”</b>	Escola:
Autor: <b>Charles Kray - UFRGS</b>	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: <b>Hibridismo e Pixação</b>	Escola:
Autor: <b>Clarissa Machado – UFRGS</b>	Faixa Etária:
TCC - Presença, ausência e formas de abordagem da arte contemporânea em materiais didáticos e paradidáticos	
Orientador: Andrea Hofstaetter	
Anotações:	

Título: <b>Questões sobre identidade: da publicidade às redes sociais</b>	Escola:
Autor: <b>Simone Rodrigues – UFRGS?</b>	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: <b>Fanzine e coletivos</b>	Escola:
Autor: <b>Luiza Abrantes – UFRGS?</b>	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: <b>Das dificuldades de estágio em contrato emergencial com a SEC/RS</b>	Escola:
Autor: <b>Taís Fanfa – UFRGS?</b>	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: <b>Suporte na arte contemporânea e espaço</b>	Escola:
Autor: <b>Romualdo Martins Corrêa – UFRGS?</b>	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: <b>Primeira(s) Pessoa(s): corpo, identidade e biografia</b>	Escola:
Autor: <b>Taila Idzi – UFRGS?</b>	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: <b>Autorrepresentação e exploração plástica com Iberê</b>	Escola:
Autor: <b>Carolina Mendonza – UFRGS?</b>	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: <b>Animação</b>	Escola:
Autor: <b>Adriano Sousa Costa – UFRGS?</b>	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: <b>Abstração: relação entre figurativo e não figurativo</b>	Escola:
Autor: <b>Amanda Medeiros Oliveira – UFRGS</b>	Faixa Etária:
TCC - Abstração: relação entre figurativo e não figurativo na proposta pedagógica do estágio de docência	
Orientador: Andrea Hofstaetter	
Anotações:	

Título: <b>Educação patrimonial: narrativas visuais</b>	Escola:
Autor: <b>Daniele Zelanis Paz – UFRGS?</b>	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: <b>História da fotografia</b>	Escola:
Autor: <b>Adalberto Porto Alegre – UFRGS?</b>	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: <b>A transformação da beleza</b>	Escola:
Autor: <b>Bárbara Montelli – UFRGS?</b>	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: <b>Autorrepresentação – Manifestações do eu</b>	Escola:
Autor: <b>Vânia Moreira Lemos – UFRGS?</b>	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: <b>Tridimensionalidade na arte</b>	Escola:
Autor: <b>Elisandra Rambor Traugott - UERGS</b>	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: <b>O corpo humano e algumas das suas representações na arte e na mídia</b>	Escola:
Autor: <b>Patrícia Teixeira Fernandes - UERGS</b>	Faixa Etária:
Anotações:	



Título: A experiência artística como projeto de vida	Escola:
Autor: Tatiane Passos de Oliveira - UERGS	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: Fotografia e Cultura Visual”	Escola:
Autor: Julia Bartzen Willers - UERGS	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: A arte da Fotografia	Escola:
Autor: Bruna Randt - UERGS	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: Dadaísmo, Happening e Performance	Escola:
Autor: Robson de Oliveira - UERGS	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: <b>A Dimensão do Risco</b>	Escola:
Autor: <b>Fabiano Mota Luiz - UERGS</b>	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: <b>Tecendo arte</b>	Escola:
Autor: <b>Cassia Spengler Nunes - UERGS</b>	Faixa Etária:
Anotações:	



A terceira edição da ação ARTESTÁGIOS teve a coordenação da Prof. Paola Zordam, e a arte para o material de divulgação foi realizada por Luana Rettamozo, a partir de registro fotográfico dentro das atividades do estágio da licencianda Rafaéli Knabach, ocorrido no Colégio de Aplicação. O III Fórum de Projetos de Ensino de Artes Visuais ocorreu nos dias 2, 3 e 4 de Dezembro de 2013, na sala 601 da Faculdade de Educação da UFRGS. Nesta edição ocorreu novamente a impossibilidade de ocupação da Pinacoteca do Instituto de Artes por questões de atividades já agendadas naquele espaço. Recordo-me que nesta edição foi discutida a possibilidade desta ação ocorrer no início do ano seguinte ao estágio, pois muitos compromissos se acumulam no final do segundo semestre, porém havia também a preocupação de que o aluno mantivesse o compromisso de expor o seu estágio próximo da conclusão deste, evitando assim a ausência de alunos após o desligamento do curso. Como palestrante convidada a Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Helena Rossi (UCS), compartilhou suas experiências através da explanação intitulada '*Estágios em Artes Visuais na Serra Gaúcha*'. Como debatedores e intermediadores das reflexões levantadas estiverem presentes os

professores Igor Simões (UERGS), Carmen Capra (UERGS) e Paula Mastroberti (UFRGS). A programação foi distribuída em oito blocos buscando, na medida do possível, uma unidade de discussões, além de respeitar a disponibilidade dos alunos.

Os blocos ficaram assim distribuídos: No primeiro dia, BLOCO I – **Política, livros e contemporaneidade**; BLOCO II – **Corpo, culturas e transformações**; BLOCO III – **Identidades, invenções, experiências**. No segundo dia, BLOCO IV – **Fotografia, vídeo, novas tecnologias**; BLOCO V – **Movimentos e manifestações diversas**. No terceiro dia, BLOCO VI – **Cidade, arte urbana e comunidades**; BLOCO VII – **Tutorias de Ensino em Artes Visuais (UERGS)**; BLOCO VIII – **Experiências gráficas e plásticas**.

<b>Título:</b> <b>Passaporte: Viajando com Ulisses</b>	<b>Escola:</b>
<b>Autor:</b> <b>Rafaéli Knabach – UFRGS</b>	<b>Faixa Etária:</b>
<b>Anotações:</b> Presente de grego; jogo de memória 'O Cavalo de Tróia' construído junto com os alunos foi levado pela aluna e exibido na apresentação. Em papel e madeira, sendo suporte para colagens e escritos.	

<b>Título:</b> <b>Livros de artista na escola</b>	<b>Escola:</b>
<b>Autor:</b> <b>Anahi Cruz - UFRGS</b>	<b>Faixa Etária:</b>
<b>Anotações:</b> Trabalhou no estágio com a construção de livros, inspirado em livros de artistas, utilizando escritos, colagens e desenhos.	

<b>Título:</b> <b>ACME: arte contracultura mediação ensino</b>	<b>Escola:</b>
<b>Autor:</b> <b>Leonardo Gonçalves Garbin - UFRGS</b>	<b>Faixa Etária:</b>
<b>TCC - Bagagem Maldita: O Artista Etc &amp; Caos</b> <b>Orientador: Celso Vitelli</b>	
<b>Anotações:</b> Menciona ter utilizado no estágio a técnica do stencil, inspirado em Banksi. Utiliza filmes em aula. Para um trabalho final propõe a construção de esculturas utilizando embalagens e rótulos. O TCC de Leonardo, dos poucos disponíveis para acesso no LUME – Repositório Digital da UFRGS – apresenta uma grande qualidade de escrita e uma criativa forma de expor suas experiências e pensamentos sobre a docência. Uma leitura que surpreende considerando recomendável para aqueles que estão a produzir seu trabalho de conclusão.	

<p>Título:</p> <p><b>Arte em tempos sombrios</b></p> <p>Autor:</p> <p><b>Cristina Gross - UFRGS</b></p>	<p>Escola:</p>   <p>Faixa Etária: 11 e 12 anos (6º e 7º ano)</p>
<p>Anotações:</p> <p>Trabalhou no estágio a relação Arte e Política; salienta que buscou o que era interesse dos alunos: pichação e grafite.</p>	

## Bloco II – Corpo, culturas e transformações

<p>Título:</p> <p><b>Arte Afro</b></p> <p>Autor:</p> <p><b>Zaíra Mendes - UFRGS</b></p>	<p>Escola:</p>   <p>Faixa Etária:</p>
<p>Anotações:</p> <p>Trabalhou o seu estágio em uma escola municipal dentro do bairro em que mora. Suas proposições para as atividades em aula envolveram questões afro descendentes.</p>	

<p>Título:</p> <p><b>Figura Humana: cânones, deformações e hibridismos</b></p> <p>Autor:</p> <p><b>Jessica Camejo - UFRGS</b></p>	<p>Escola: Ensino médio em escola municipal</p>   <p>Faixa Etária: 15 a 18 anos (1º ano)</p>
<p>Anotações:</p> <p>Sua proposição para as atividades do estágio envolveram o desenho da figura humana, alternando o desenhar e pousar de modelo entre os alunos.</p>	

Título: <b>Somos todos animais</b>	Escola:
Autor: <b>Tathiana Jaeger - UFRGS</b>	Faixa Etária:
Anotações: Levou materiais diversos para as atividades no estágio, dando atenção para as questões de proteção e cuidados com os animais.	

Título: <b>Arte, spray, EJA: trocas de experiências</b>	Escola:
Autor: <b>Rosana Nitsh Pinheiro – Instituição?</b>	Faixa Etária:
Anotações: Trabalho com alunos do EJA, propondo atividades com o uso da técnica do stencil.	

Título: <b>Paradoxo do signo móvel</b>	Escola:
Autor: <b>Liane Maria Junges - UFRGS</b>	Faixa Etária:
Bloco de Anotações: Não apresentou	

Título:  Livrando: a ressignificação do objeto livro a partir do livro de artista	Escola:
Autor:  Julia Barzen Willers - UERGS	Faixa Etária:
Anotações:	

Título:  O livro Repensado	Escola:
Autor:  Fabiano Mota Luiz -UERGS	Faixa Etária:
Anotações:	

Título:  Autorretrato/identidade/criação de imagens	Escola:
Autor:  Katia Peccine Da Costa - UFRGS	Faixa Etária:
Anotações:	

Título:  Autorretrato: os muros da escola como espelho	Escola:
Autor:  Luana da Rocha Missaggia - UFRGS	Faixa Etária:
Anotações:	



Título: <b>Inventando arte: da experiência à descoberta</b>	Escola:
Autor: <b>Marinice Velleda Ribeiro - UFRGS</b>	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: <b>Tridimensionalidade</b>	Escola:
Autor: <b>Aline Dallagnese - UERGS</b>	Faixa Etária:
Anotações:	

Título: <b>Experimentando a arte na cidade das artes</b>	Escola:
Autor: <b>Bruna Randt - UERGS</b>	Faixa Etária:
Anotações:	

<b>Título:</b> <b>Fotoficinas</b>	<b>Escola:</b> Colégio de Aplicação
<b>Autor:</b> <b>Deniz Nicola - UFRGS</b>	<b>Faixa Etária:</b>
<b>Anotações:</b> Realizou o estágio no Colégio de Aplicação com três turmas, tendo em torno de 12 alunos cada. O espaço oferece um laboratório de fotografia onde desenvolveu as atividades propostas aos alunos	

<b>Título:</b> <b>Imagine o filme: pós-produção e ensino de arte</b>	<b>Escola:</b> Colégio de Aplicação
<b>Autor:</b> <b>Pedro Frota Paiva - UFRGS</b>	<b>Faixa Etária:</b> 6º ano do Ensino Fundamental
<b>Anotações:</b> Realizou seu estágio no Colégio de Aplicação. Menciona Bourriaud, pós-produção e novas narrativas. Trabalha questões a partir das relações entre imagem e consumo.	

<b>Título:</b> <b>Anima Arte</b>	<b>Escola:</b>
<b>Autor:</b> <b>Rafael Ribeiro Sinnott - UFRGS</b>	<b>Faixa Etária:</b>
<b>Anotações:</b> Observou que a escola disponibilizava uma sala de artes pequena onde utilizou a prática do desenho de observação e o desenho cego, que lhes revelou 'potenciais ocultos'. Como atividade final a construção de uma animação: flipbooks e stopmovie.	

Título: <b>Coisas animadas e expansão dos espaços da arte</b>	Escola:
Autor: <b>Regina Helena Miranda Campos - UFRGS</b>	Faixa Etária:
Anotações: Divide o planejamento em três etapas, num total de doze aulas. Utiliza a estratégia de alunos monitores, trabalhando a linguagem da animação. Ferramenta: Scratch/software para animação. Relata também a dificuldade de espaço pois a escola estava em obras.	

Título: <b>Fotografia: História, prática e arte</b>	Escola:
Autor: <b>Lucas Pacheco Brum - UERGS</b>	Faixa Etária:
Anotações: Este aluno da UERGS relata ter o planejamento do estágio aplicado em dez encontros, salientando uma dúvida que presente na maioria dos relatos: Avaliação – o que se avalia?	

Título: <b>Manifestos em Documentário</b>	Escola: Estadual
Autor: <b>Tiele Bertol - UFRGS</b>	Faixa Etária:
Anotações: As atividades do estágio foram propostas em dez encontros, e na observação percebeu que os alunos tinham pouca prática artística. Seu tema de abordagem era Arte e Mídia (imagens midiáticas) e discute: a importância do discurso na Arte Contemporânea.	

<p>Título:</p> <p><b>Documentação do Funk</b></p> <p>Autor:</p> <p><b>Taís Ritter Dias - UFRGS</b></p>	<p>Escola:</p>   <p>Faixa Etária: 13 a 19 anos, 7º ano do ensino fundamental</p>
<p>TCC - Enredamentos de gênero no ensino da arte: investigando os estereótipos na arte e na cultura visual</p> <p>Orientador:</p>	
<p>Anotações:</p> <p>Recordo-me que as atividades propostas neste estágio foram de encontro ao gosto musical dos alunos que iam de uma faixa etária dos 13 aos 19 anos.</p>	

Debate mediado por

Paula Mastroberti (IA/UFRGS)

- As tecnologias: escolas sem espaço, sem estrutura
  - Conceito de Arte: para quem?
  - Onde está a História da Arte?
  - Os conflitos da arte-educação
- Quais tecnologias estão visíveis e invisíveis em sala de aula?

BLOCO V – Movimentos e manifestações diversas

<p>Título:</p> <p><b>Trabalho e arte além dos muros da escola</b></p> <p>Autor:</p> <p><b>Elisandra Rambor Traugott - UERGS</b></p>	<p>Escola:</p>   <p>Faixa Etária: EJA</p>
<p>Anotações:</p> <p>Fala da difícil tarefa de agradar a todos e confirma as características do aluno do EJA, ou seja, alunos cansados do dia de trabalho e não assíduos. Propõe atividades através de uma lista de profissões dos alunos, utilizando imagens, palavras, desenhos. Um cuidado: propor atividades que possam ser concluídas durante o horário de cada encontro.</p>	

<p>Título:</p> <p><b>Olhares sobre a cidade</b></p> <p>Autor:</p> <p><b>Patrícia Teixeira Silva - UERGS</b></p>	<p>Escola:</p>   <p>Faixa Etária: EJA</p>
<p>Anotações:</p> <p>Comenta que utiliza um repertório de artistas através de imagens no formato 13cm x 15cm, distribuídas em muitos envelopes. Destaca: - Surgem muitas coisas no meio do caminho!</p>	

<p>Título:</p> <p><b>Processos de impressão na escola</b></p> <p>Autor:</p> <p><b>Tatiane dos Passos de Oliveira - UERGS</b></p>	<p>Escola:</p>   <p>Faixa Etária: 6º ano</p>
<p>Anotações:</p> <p>Trabalhou com alunos do 6º ano, utilizando o desenho e a gravura como técnicas. Referiu-se as condições físicas da escola: sucateada e em reforma.</p>	

<p>Título:</p> <p><b>O mundo que eu consumo: a apropriação de elementos do cotidiano na arte a partir da Arte Pop</b></p> <p>Autor:</p> <p><b>Filipe Rafael Vebber - UCS</b></p>	<p>Escola:</p>   <p>Faixa Etária: 12 e 13 anos</p>
<p>Anotações:</p> <p>A escola, na cidade de Caxias, oferecia ótima estrutura física. Criou um informativo: material de apoio (jornal, tablóide). Na apresentação teve problemas com o arquivo, ficando o seu relato para o dia seguinte.</p>	

Título: <b>Leitura de imagem e pensamento simbólico</b>	Escola: Edmund Feldmann
Autor: <b>Guilherme Castro -UCS</b>	Faixa Etária: 8º ano
Anotações: Relatou a ótima estrutura física que a escola oferece, inserida no Programa UCA – um computador por aluno.	

Título: <b>As brincadeiras de infância e a expressividade na pintura de Iberê Camargo</b>	Escola:
Autor: <b>Andreia Salvadori - UERGS</b>	Faixa Etária:
Anotações: Relata ter estagiado com 24 alunos, num total de 13 encontros, tendo 50 minutos cada período. Salienta que o tempo precisa ser otimizado em função dos resultados que se deseja obter.	

Título: <b>O Renascimento italiano</b>	Escola:
Autor: <b>Roberta Stella Zanatta - UERGS</b>	Faixa Etária: 7º ano
Anotações: Organizou horário do estágio desta forma: dez encontros com a duração de uma hora e quarenta minutos cada, em um encontro semanal. Menciona a busca de um ‘desenho melhor’ (??). Pergunto-me: conteúdo adequado? Não seria muito conteúdo para pouca atividade prática? O que é o ‘desenho melhor’?	

Debate mediado por Paola Zordan (IA/UFRGS)

- Objetivos: Ampliar!
  - O que os alunos querem?
- Que escolhas cabem na elaboração de um projeto?
- Plano de ensino difere de Plano de aprendizagem!
  - Adequação/Inadequação
- Professor Celso comenta os usos das imagens: a porta de entrada para diferentes assuntos.

<b>Título:</b> <b>A diferença no ensino de Artes</b>	<b>Escola:</b>
<b>Autor:</b> <b>Maria Eduarda Vieira da Cunha - UFRGS</b>	<b>Faixa Etária:</b>
<b>Anotações:</b> Desenvolve as atividades do estágio propondo livros e jogos relacionados à compreensão das diferenças e dos estereótipos. Serve-se, na explanação, de experiências pessoais – fotos – e como esta temática esteve presente na construção da sua identidade. Menciona diversos artistas e autores de livros infantis. Um exemplo: imagens de crianças e de seus respectivos quartos. Discute em aula: Quem é o professor de arte? Quem é o artista?	

<b>Título:</b> <b>Yarn Bombing no centro Histórico</b>	<b>Escola:</b>
<b>Autor:</b> <b>Sônia Braun - UFRGS</b>	<b>Faixa Etária:</b>
<b>TCC - Intervenção urbana com fios: o tricô e o crochê na arte contemporânea em uma perspectiva educativa</b>	
<b>Orientador:</b>	
<b>Anotações:</b> Utiliza no estágio a intervenção com fios nos espaços da escola.	

<b>Título:</b> <b>Imagens Urbanas e percursos em forma de arte</b>	<b>Escola:</b> Colégio de Aplicação
<b>Autor:</b> <b>Roberta Agostini - UFRGS</b>	<b>Faixa Etária:</b>
<b>Anotações:</b> Propõe no estágio como tema ser trabalhado a mobilidade dentro da cidade. Alunos do EJA, 5º e 6º ano. Pergunto-me: Colégio de Aplicação tem EJA?	

<p>Título:</p> <p><b>Um parque como pátio da Escola</b></p> <p>Autor:</p> <p><b>Aline Zydek Superti - UFRGS</b></p>	<p>Escola:</p>   <p>Faixa Etária:</p>
<p>TCC - Educação patrimonial no ensino de arte: A atribuição de sentido ao patrimônio através da prática artística</p> <p>Orientador:</p>	
<p>Anotações:</p> <p>O tema proposto para o estágio aborda o patrimônio material e o patrimônio imaterial, utilizando a imagens de monumentos e seus históricos. Atividade prática: criação de um monumento com s técnica do papel machê.</p>	

<p>Título:</p> <p><b>Comunidart-tinga: arte-educação na comunidade da Restinga</b></p> <p>Autor:</p> <p><b>Raquel Verginia Rodrigues Orio - UFRGS</b></p>	<p>Escola:</p>   <p>Faixa Etária:</p>
<p>Anotações:</p> <p>Moradora do bairro em que ocorre o estágio se aproveita da história do bairro – Restinga: Nova e Velha. Criação de portfólio, livros de memória. Utiliza reportagem da década de 1970. Atividades: gravuras com a utilização de caixa de leite como suporte e discute o que é composição. Localiza a terminologia que dá origem a termos comuns ao cotidiano e histórico do bairro: maloqueiro/maloca, vileiro/vila, marginal/margem,...</p>	

<p>Título:</p> <p><b>Mandalas e suas possibilidades: trabalhando a arte dos fios</b></p> <p>Autor:</p> <p><b>Taís Fanfa - UFRGS</b></p>	<p>Escola:</p>   <p>Faixa Etária: 12 a 18 anos, 6º e 7º ano</p>
<p>Anotações:</p> <p>Trabalha a construção de mandalas, envolvendo atividades pictóricas e desenho. Utiliza retroprojeter para expor as imagens e propõe intervenções na escola.</p>	



Debate mediado por  
Carmen Capra (UERGS)

- Sensibilidade
- Atenção
- O aluno como filho: cuidado!
- Necessidades especiais: cada aluno tem a sua

BLOCO VII- Tutorias de Ensino em Artes Visuais na UERGS

O que é? O aluno do 4º semestre convida uma pessoa para um projeto experiencial de ensino de Artes Visuais (marido, filho, sobrinho,, colega,...)

Primeiro ponto: reconhecer os interesses deste aluno e quais as possibilidades desta 'prática de ensino'.

Elisabete Vargas Pereira – Aluno adolescente, 13 anos. Tema: auto-retrato

Dika – aluna adolescente, 14 anos. Tema: desenho da figura humana.

Aqui tomo a palavra e comento: Estimule, mostre possibilidades diferentes de figuração e tenha consciência de que o desenho da figura humana é uma prática constante, não de um encontro semanal. Observação e prática..

BLOCO VIII – Experiências gráficas e plásticas

Título: <b>Paisagem abstrata</b>	Escola:
Autor: <b>Alice Wapler - UFRGS</b>	Faixa Etária: 11 a 15 anos, 7º e 8º ano
Anotações: Trabalhou a abstração no desenho nas atividades propostas. Cita David Hockney. (?) Não entendi a relação.	

Título: <b>Laboratório de desenho: eu desenho</b>	Escola:
Autor: <b>Vivian Andretta Rodrigues Meirelles - UFRGS</b>	Faixa Etária: 6º ano
Anotações: Relata que o estágio ocorreu em dez encontros, trabalhando as possibilidades do desenho. Iniciou com folhas/suportes pequenos até chegar ao formato A3.	

<p>Título:</p> <p><b>Mala dos Possíveis</b></p> <p>Autor:</p> <p><b>Tatiane Ertel - UFRGS</b></p>	<p>Escola:</p>   <p>Faixa Etária: 12 a 16 anos, 7º ano</p>
<p>Anotações:</p> <p>Como estratégia usa a “Mala dos Possíveis”. Trabalha exercícios de escrita, e envelopes com mapas. Observa a importância e a validade dos desvios durante o percurso planejado, permitindo o imprevisto na atividade proposta.</p>	

<p>Título:</p> <p><b>Pigmentos, materiais, suporte: experimentos visuais com crianças</b></p> <p>Autor:</p> <p><b>Manoela Furtado - UFRGS</b></p>	<p>Escola: Colégio de Aplicação</p>   <p>Faixa Etária:</p> <p>Sete anos (2ª ano)</p>
<p>Anotações:</p> <p>Menciona perceber que o tempo de atenção é diferente naquele que é mais adulto, obrigando a rapidamente perceber o que não funciona. Os alunos queriam usar tinta. Trabalhou o estágio com duas turmas, tendo em cada grupo nove alunos.</p>	

<p>Título:</p> <p><b>Identidade Objeto: desdobramentos plásticos possíveis da relação nome/identidade</b></p> <p>Autor:</p> <p><b>Camila Borba - UFRGS</b></p>	<p>Escola:</p>   <p>Faixa Etária:</p>
<p>Anotações:</p> <p>Observa um conceito: aula de artes não é aula (não roda, não vale ponto, ...). Ofereceu sucata e materiais diversos para atividades práticas na construção e elaboração de Toyarts. Destaca como maior dificuldade a escassez de tempo para desenvolverem as propostas.</p>	

<p>Título:</p> <p><b>Cotidiano em processo</b></p> <p>Autor:</p> <p><b>Anna Jonko - UFRGS</b></p>	<p>Escola:</p>   <p>Faixa Etária: 7º ano</p>
<p>Anotações:</p> <p>Trabalhou com duas turmas: 7ª – 11 alunos, 7B – 12 alunos. O estágio ocorreu em 11 encontros. Salienta a postura de não levarem material quando solicitado. Utilizou o que denomina de ‘Jogo das Sensações’. Observou que as aulas nas segundas-feiras necessitavam de um tempo para trocarem as notícias sobre os eventos do final de semana. Destaca o cuidado com as etapas no processo dos trabalhos.</p>	

Debate mediado por  
Igor Simões (UERGS)

Mesa de encerramento: Carmen Capra (UERGS), Igor Simões (UERGS), Paula Mastroberti (UFRGS)  
Fechamento: Luciana Loponte e Paola Zordan

EU OBSERVO:

- Clareza nas apresentações.
- Como é importante saber fazer as escolhas do que levar ao aluno.
  - O bom senso é primordial. Mas o que é ter bom senso?
  - Acontecem descobertas dentro do estágio à medida que exista flexibilidade daquele que propõe. Um bom tema a discutir e constituir um projeto de ensino em/com Artes pode estar bem diante de nossos olhos e de nossa escuta.